

Anais do Seminário Nacional Sobre Saúde e Violência na Perspectiva da Vulnerabilidade

9º Encontro do Leifans



16, 17, e 18 de novembro
Centro de Eventos Plaza São Rafael
Av. Alberto Bins, 509 - Centro - Porto Alegre



Ficha Catalográfica

CEPEEn (Brasília-DF)

Seminário Nacional sobre Saúde e Violência na Perspectiva da Vulnerabilidade
(2005 : Porto Alegre, RS).

Anais do Seminário Nacional sobre Saúde e Violência na Perspectiva da
Vulnerabilidade / organizado por Joel Rolim Mancia e Maria da Graça Motta. Brasília :
Associação Brasileira de Enfermagem-(ABEn), 2007.

(Trabalhos em CD-ROM).

ISBN:978-85-87582-28-7

1. Saúde. 2. Violência. 3. Vulnerabilidade. 4. Congressos.
2. I. Mancia, Joel Rolim. II. Motta, Maria da Graça. III. Título.
CDU 616-083(81)(063)

Sumário



Próximo

A CRIANÇA E A FAMÍLIA COM AIDS E O TRATAMENTO ANTI-RETROVIRAL: REFLEXÕES ACERCA DA VULNERABILIDADE

*Hilda Maria Medeiros**

*Diego Schaurich***

*Maria da Graça Corso da Motta****

Este trabalho tem por objetivo apresentar a experiência dos autores ao vivenciar o cuidado à criança e à família que (con)vivem com o HIV/AIDS e que realizam tratamento anti-retroviral, realizando nexos reflexivos em relação ao constructo da vulnerabilidade. Assim, percebe-se que, nestes mais de 20 anos que a infecção pelo HIV vem desafiando a humanidade, o contexto epidemiológico sofreu profundas transformações. Estas alterações por que passou (e ainda passa) o contexto HIV/AIDS podem ser percebidas levando-se em consideração a intensificação dos processos de interiorização, pauperização, juvenização, heterossexualização e feminização (Castilhos e Chequer, 1997), e a evolução conceitual predominante em cada momento histórico da epidemia. Ou seja, na década de 80 foi utilizado o conceito de grupo de risco que abrangia homossexuais masculinos, usuários de drogas injetáveis, portadores de hemofilia e negros; posteriormente, foi substituído pela conceituação de comportamento de risco que englobava um número maior de indivíduos, com destaque para o crescimento significativo de infecções em mulheres e em crianças. No entanto, atualmente, vivencia-se o conceito da vulnerabilidade que apresenta referenciais de cunho individual, social e programático que se encontram inter-relacionados e são inter-dependentes. Neste sentido, as vivências e experiências ao desenvolver o cuidado em Enfermagem à família e à criança com HIV/AIDS vêm demonstrando as inúmeras estratégias utilizadas frente às dificuldades impostas não somente pelo estar infectado – como o adoecer, o tratamento anti-retroviral, os efeitos colaterais, entre outras –, mas, e principalmente, pelo conviver com o outro, o estar em sociedade (relacionadas ao abandono, à exclusão, ao preconceito, à estigmatização, à discriminação, entre outras). Uma questão complexa e quem tem ganho destaque na atualidade, diz respeito à adesão ao tratamento anti-retroviral; ou seja, a necessidade em a família auxiliar e cuidar do tratamento medicamentoso de um de seus membros, ou, mais provavelmente, de mais de um deles. Este contexto é intensificado nos casos que envolvem crianças que administram os anti-retrovirais, precisando a família desenvolver alternativas estratégicas a fim de possibilitar uma vida mais digna e com mais qualidade, sem precisar manifestar a condição sorológica a demais parentes, amigos, vizinhos, entre outros. Assim sendo, compreende-se que, para além do indivíduo infectado pelo HIV, a família também precisa desenvolver mecanismos de (re)estruturação e adaptação a fim de propiciar a construção de novos caminhos de vida e de um processo de subjetivação a partir do enfrentamento de situações traumáticas e/ou estressoras tendo em vista as questões referentes ao social e programático. Sendo assim, percebe-se, ao vivenciar o cuidado em Enfermagem à família com HIV/AIDS e que vivencia a administração de anti-retrovirais, que o estar vulnerável desvela-se e revela-se como um modo-de-ser-no-mundo, como uma possibilidade para ser mais e estar-melhor (Paterson e Zderad, 1988) diante dos desafios impostos, bem como estratégia que oportuniza uma maior autonomia, cidadania, liberdade, tolerância, flexibilidade, responsabilidade e, principalmente, solidariedade para o desenvolvimento de uma vida com mais qualidade e um futuro mais cidadão e digno às pessoas que (con)vivem com o vírus da AIDS.

**Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS); Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Franciscana – UNIFRA/Santa Maria/RS.*

***Enfermeiro. Mestrando do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da UFRGS/RS. Bolsista CNPq; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem e Saúde (GEPES) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). Membro do CEVIDA (UFRGS/RS).*

****Enfermeira. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil da Escola de Enfermagem da UFRGS/RS. Doutora em Filosofia da Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/SC); Coordenadora do CEVIDA (UFRGS/RS).*